



DA PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA À ABORDAGEM COMPORTAMENTAL: UM NOVO MODO DE ENTENDER O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Francieli Hennig¹

Resumo: O presente artigo pretende discutir o desenvolvimento infantil a partir dos pressupostos teóricos de duas importantes abordagens da psicologia, a teoria evolucionista e a psicologia comportamental. A primeira, menos difundida, mas que vem conquistando seu espaço nos dias atuais, considera os comportamentos a partir da sua importância e funcionalidade para a sobrevivência da espécie. A abordagem comportamental, por outro lado, mais conhecida por análise do comportamento, explica o comportamento humano por meio dos princípios de aprendizagem e da interação entre organismo e ambiente. Apesar dos pontos de vista diferentes destas duas abordagens, pretende-se neste artigo bibliográfico fazer um diálogo entre as mesmas, buscando uma nova maneira de entender o desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Psicologia evolucionista. Psicologia comportamental. Desenvolvimento infantil.

1 INTRODUÇÃO

É constante na ciência psicológica a busca por teorias explicativas sobre o comportamento humano, e o desenvolvimento humano não está fora disto. Inúmeras pesquisas têm se ocupado desta área e surgem a cada dia com novidades. As abordagens teóricas aparecem neste contexto, como uma forma de nos ajudar a compreender os dados empíricos. Assim, este artigo pretende discutir as contribuições do evolucionismo e da teoria comportamental na compreensão do desenvolvimento infantil. Em um primeiro momento, até pode-se pensar o quão diferentes são estas duas abordagens. Realmente são diferentes, mas não excludentes. Como aponta Seidl de Moura (2005, p.16) “só estudando a diversidade e buscando conhecer a universalidade de processos e produtos, podemos ter avanço na ciência do desenvolvimento humano.”

2 PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA

A psicologia evolucionista é uma abordagem relativamente nova que parte da teoria da evolução para entender o ser humano. Adaptação e seleção natural são conceitos fundamentais nesta perspectiva. A seleção natural atua sobre a solução que um organismo tem frente a características do ambiente, como a chegada de um novo predador ou alterações climáticas (VIEIRA; PRADO, 2004). De acordo com estes autores, a teoria evolucionista busca a identificação da funcionalidade de determinado comportamento para o indivíduo e como ele auxilia na perpetuação da espécie.

Conforme Barkow *et al* (1992 apud SEIDL DE MOURA, 2005) entre as premissas da psicologia evolucionista estão: 1) existência de uma natureza humana universal, constituída de mecanismos

¹ Instituto Blumenauense de Ensino Superior - IBES - E-mail: francipsi@bol.com.br



psicológicos resultados da evolução da espécie e não de comportamentos específicos; 2) esses mecanismos psicológicos são adaptações a partir de um processo de seleção natural ao longo do tempo evolucionário e 3) a estrutura mental humana resultante da seleção natural é adaptada ao ambiente evolucionário, o modo de vida de nossos ancestrais caçadores-coletores da era pleistocena.

Essa estrutura envolve mecanismos de processamento de informações que permitem que os seres humanos produzam, absorvam, modifiquem e transmitam a cultura.

Deste modo, a psicologia evolucionista parte dos pressupostos da teoria da Evolução das Espécies para entender os comportamentos complexos do ser humano e envolve em seu arcabouço teórico quatro questões fundamentais: 1) filogênese, 2) ontogênese; 3) fatores causais próximos e 4) função adaptativa, ou seja, valor para sobrevivência do indivíduo e da espécie.

Assim, como esclarece Vieira e Prado (2004), uma das implicações da psicologia evolucionista é que há uma continuidade filogenética dos animais com a nossa espécie, dos primatas de modo mais específico. Apesar de reconhecer características peculiares no ser humano, como comunicação simbólica, intenção e autoconsciência, entende-se que temos um passado filogenético e que as experiências vivenciadas nesse contexto foram selecionadas ao longo de milhares de anos e hoje aparecem como predisposições motivacionais.

Outro aspecto da psicologia evolucionista é a predisposição para a aprendizagem. Para esta abordagem, o indivíduo quando nasce não é uma tabula rasa, pelo contrário, traz em seu código genético informações que lhe permitem aprender determinadas tarefas com mais facilidade que outras (VIEIRA; PRADO, 2004).

Bjorklund e Bering (2003) apontam que uma das derivações da abordagem evolucionista é a Psicologia do Desenvolvimento Evolucionista (PDE), que se ocupa principalmente daqueles comportamentos típicos da nossa espécie, que incluem habilidades sensório-perceptivas e motivacionais do bebê para interagir com pessoas a sua volta, a imaturidade, a aquisição da linguagem e a brincadeira. Neste sentido, seres humanos e animais apresentam predisposições para agir quando expostos a um tipo de ambiente esperado. No caso do ser humano, isso inclui nove meses de gestação, amamentação após o nascimento, convivência e vínculo com uma rede de familiares e posteriormente, interações com parceiros desconhecidos.

A PDE é a disciplina que enfoca o estudo da manifestação dos programas que evoluíram em interação com os ambientes, no curso da ontogênese, sob a forma de comportamentos ou mecanismos psicológicos (SEIDL DE MOURA, 2005). A ideia central é que os organismos afetam o ambiente e este, por sua vez, afeta os organismos, que devem se adaptar, fazendo mudanças em comportamentos para atender às características específicas dos nichos. O desenvolvimento das características fenotípicas humanas e as variações individuais no comportamento são deste modo, produtos de uma interação de mecanismos genéticos e ecológicos, envolvendo as experiências únicas de cada indivíduo desde antes do nascimento (SEIDL DE MOURA, 2005).

2.1 A PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO EVOLUCIONISTA

Darwin (1809-1882) propôs em seu mais conhecido livro, a Origem das Espécies, publicado em 1871, a teoria da descendência com modificação por meio da seleção natural, que postula a variabilidade transmitida por herança genética e selecionada por pressões ambientais. De acordo com o autor, existe uma luta pela existência que tem como consequência a busca constante de transmissão da carga genética para o maior número de descendentes possíveis e a luta pela sobrevivência da



espécie. Assim, uma das formas de sobrevivência é a busca de perpetuação da espécie, por geração de descendentes. Entretanto, gerar descendentes não é garantia de sucesso reprodutivo, é necessário para tal, que os descendentes sobrevivam e para isso, um dispêndio de energia, ou investimento de tempo, dedicação, recursos materiais, físicos e psicológicos dos progenitores no cuidado e desenvolvimento da prole (PRADO; VIEIRA, 2003).

O ser humano, comparado a outros primatas, leva uma quantidade de tempo muito maior para atingir a vida adulta. Passa mais tempo sendo dependente dos adultos do que qualquer outro animal e é a única espécie que continua a cuidar da alimentação de seus descendentes até mesmo após o período de imaturidade.

A partir do conceito de energia despendida pelos progenitores para o desenvolvimento da prole, Trivers (1972) desenvolveu a Teoria do Investimento Parental. Sua ideia principal é de que machos e fêmeas se comportam de maneiras diferentes no investimento na progênie ou na procura por parceiros, com o objetivo de garantir o sucesso reprodutivo individual, dependendo de características da dinâmica sexual reprodutiva de cada espécie como: tempo para início e término de um ciclo reprodutivo, número e tamanho das células reprodutivas, tempo de gestação ou incubação, número de embriões por gestação, etc. Para o autor, existiria um equilíbrio entre investimento parental e estado inicial de desenvolvimento, assim como entre esforço no acasalamento (dispêndio de tempo na procura de oportunidades reprodutivas) e esforço no cuidado da prole (toda forma de cuidado direcionada para a descendência, que exige um custo energético dos progenitores).

Assim, o comportamento parental inicia-se a partir da fertilização, sendo sequência do comportamento reprodutivo (que inclui estabelecer e definir território, cortejamento e cópula), continua na gestação, segue após o nascimento e inclui vários comportamentos como: produção de gametas (com reservas nutritivas), transferência de nutrientes aos embriões, preparação de locais para postura, defesa contra predadores, regulação térmica, alimentação (antes e após o nascimento), bem como, cuidados durante a infância e a adolescência, como defesa contra membros da mesma espécie e garantia de acesso aos filhotes às fontes de alimentos. (BROWN, 1998; TOKUMARU, 1998 APUD PRADO; VIEIRA, 2003).

Pesquisadores da abordagem evolucionista apresentam atenção especial à estrutura de um comportamento, a forma como este é apresentado e a sua função. De acordo com Prado e Vieira (2003) os cuidados parentais podem estar diretamente relacionados com a ação da criança (por exemplo, resposta ao choro), ou ainda, não estar diretamente relacionados ao comportamento da criança, mas promover o seu bem-estar (por exemplo, cuidado com o ambiente físico em que ela se encontra). Podem ainda, diferir de outra classe de comportamentos que caracterizam como interação social, como: lúdica, carinhosa, instrutiva, entre outras. De acordo com Prado, Piavanotti e Vieira (2004), a psicologia evolucionista lança mão de dois conceitos fundamentais para a explicação do comportamento: explicações próximas e explicações últimas. As primeiras se referem a fatores imediatos que modulam as respostas comportamentais, como, estímulos fisiológicos, condições ambientais e estados psicológicos. Já as explicações últimas consistem em características da espécie presentes no organismo: sensibilidade diferencial aos estímulos, tendências motivacionais específicas, períodos sensíveis ao desenvolvimento e pré-organização de processos de aprendizagem, que surgiram em um momento da história evolutiva e mantiveram-se enquanto padrão da espécie, por ter proporcionado adaptação do organismo ao ambiente.

Deste modo, o desenvolvimento infantil na abordagem evolucionista é compreendido a partir de suas explicações próximas e últimas, fatores ecológicos, sociais ou condições físicas que tiveram repercussão para que determinados comportamentos ou predisposições motivacionais ou cognitivas fossem selecionados na história da evolução. Pelo estudo da teoria da evolução é possível explorar e



interpretar comportamentos e cognições da criança no período inicial de desenvolvimento infantil. Assim, reflexos do recém-nascido têm função específica para certo estágio de desenvolvimento. Por meio do reflexo de sucção o bebê obtém alimento, porém este reflexo é substituído com o passar do tempo, por movimentos espontâneos de busca de alimento. Já no aspecto cognitivo, diversas habilidades do recém-nascido têm sido interpretadas como tendo função específica, podendo-se citar entre eles, o reconhecimento de estímulos sensoriais advindos da mãe (VIEIRA; PRADO, 2004). Contudo, para a PDE a imaturidade cognitiva durante a infância tem um valor adaptativo. As habilidades da criança em cada período do desenvolvimento devem ser entendidas não como deficiências, mas como importantes componentes de um amplo sistema de desenvolvimento cognitivo.

A teoria da evolução explica a sobrevivência dos indivíduos e, conseqüentemente, da espécie. O mérito da abordagem evolucionista é apresentar uma proposta original em relação à psicologia tradicional, centrada no indivíduo localizado num momento histórico, social e cultural. Considera a espécie, não nega o indivíduo, pois a espécie tem sua expressão no indivíduo. Entretanto, fatores psicológicos e socioculturais devem ser considerados na explicação das diferenças individuais no cuidado parental. “A integração entre as predisposições filogenéticas e as experiências individuais é o caminho que deve ser percorrido para que tenhamos uma compreensão mais ampla sobre por que o comportamento parental se manifesta.” (PRADO; VIEIRA, 2003, p.331).

2.1.1 Desenvolvimento Infantil: Habilidades dos Recém-nascidos

De acordo com Ribeiro *et al* (2004) o avanço do conhecimento do recém-nascido se deu a partir do desenvolvimento de novas metodologias que não estavam disponíveis para Darwin, Vygotsky, Luria, Piaget e Skinner. Novas formas de mensurações de medidas fisiológicas e respostas comportamentais, assim como a aplicação dos paradigmas de habituação e reforçamento possibilitaram o avanço nas pesquisas e no conhecimento a respeito das competências do recém-nascido. O que refletiu em novo modo de olhar e uma nova postura de psicologia diante da criança pequena. A constatação dessas habilidades mudou o entendimento sobre o recém-nascido, servindo para afastar suposições equivocadas sobre ele. Conforme Oliva (2004), pesquisas mostram muitas competências perceptivas e cognitivas precoces em recém-nascidos, o que fortalece a existência de mecanismos cerebrais constituídos previamente à aprendizagem. Segundo referida autora, hoje se sabe que o bebê é muito mais capaz do que se supunha no passado. Que nasce com capacidade cerebral para aprender a falar, mas depende da experiência para que aconteça.

As primeiras lições sobre a linguagem começam no último trimestre de gravidez. A estimulação ambiental propicia a construção de circuitos neuronais, o que significa que o cérebro estabelece sinapses a partir da estimulação da voz materna. Daí a importância da mãe falar e cantar para o bebê durante a gestação. Além disso, os bebês são mais capazes que os adultos em discriminar fonemas. Podem discriminar cada contraste fonético usado em línguas humanas. Capacidade que se perde por volta dos 8-10 meses. Essa habilidade está relacionada ao reconhecimento de uma língua, sendo que para sintonizar os sons de uma língua e extrair seus significados a criança deve não sintonizar os fonemas não usados na língua em questão (OLIVA, 2004).

Apesar de variações relativas ao momento que a criança adquire a linguagem, há condutas que ocorrem na mesma sequência ao longo do primeiro ano: 1) Arrulhos ou gorjeios - presentes a partir do segundo mês - incluem sons de natureza gutural, que geralmente são imitados pelos adultos, o que



aumenta a frequência que a criança emite essa conduta; 2) Balbucios - aparecem a partir do quarto mês e através das interações sociais, evoluem de modo a incluir apenas fonemas da língua nativa; 3) Emissões de uma palavra - despontam a partir do décimo mês e provocam uma importante reação em adultos do mundo todo. Assim, o processamento da linguagem depende tanto dos mecanismos biológicos quanto das interações sociais (OLIVA, 2004).

Recém-nascidos com até dois dias apresentam de acordo com Oliva (2004), transposição intersensorial, que se refere à integração entre duas modalidades sensoriais. Dados obtidos por uma modalidade sensorial são utilizados de alguma maneira pelo processamento de outro canal sensorial. Um exemplo disso são as condutas de localização auditiva, que os recém-nascidos apresentam, girando a cabeça em direção à fonte sonora, ou seja, o bebê busca com a visão algo de natureza auditiva (OLIVA, 2004).

Sobre a percepção visual, estudos demonstraram que diante de duas figuras os bebês olham mais tempo para a que se assemelha a um rosto, o que os autores denominaram de preferência pela face. Habilidade que demonstra a seletividade dos recém-nascidos, os quais fazem escolhas diante de dois estímulos (OLIVA, 2004).

Além disso, como aponta Vieira e Prado (2004), foi constatado em diversos relatos na literatura a presença da imitação logo nas primeiras horas de vida. Para Ribeiro *et al* (2004) o compartilhamento emocional subjacente à imitação de expressões faciais merece destaque, pois além de expressar emoções e reagir às expressões de seus cuidadores, os bebês parecem capazes de se contagiar emocionalmente, do mesmo modo que os adultos. “Tendemos a espelhar a expressão emocional uns dos outros, quando envolvidos numa interação, mesmo sem nos dar conta do que estamos fazendo. É como se compartilhássemos as emoções sentidas, os esforços e tudo mais.” (RIBEIRO *et al*, 2004, p.267).

Os primeiros risos ocorrem a partir das brincadeiras universais com bebês: “vou te pegar” e “cadê você”, que envolvem cócegas, sinais compartilhados e explosão de gargalhada e que revelam o prazer associado à formação do vínculo. Parecem promover e refletir o desenvolvimento cognitivo, sendo a idade em que o riso começa a ser exibido, em torno de do quarto mês, um bom prenunciador de escores subsequentes de desenvolvimento cognitivo (RIBEIRO *et al*, 2004).

As preferências e atenção a determinados estímulos mudam com o passar do tempo. A partir do quarto mês, o rosto humano deixa de ser foco de atenção para dar lugar aos aspectos do ambiente. Coisas novas, complexas ou surpreendentes chamam mais a atenção do recém-nascido neste período. Em uma abordagem sócio-histórica, defende-se que a seleção dos estímulos ocorre a partir da interação com os agentes sociais. Já uma vertente etológica, aponta que esta preferência na história da espécie, é explicada pela herança dos membros que se adaptaram melhor utilizando o olhar como forma de estimular as respostas de cuidado dos adultos (OLIVA, 2004). Independente das explicações das abordagens teóricas, o que se sabe, como aponta a autora, é que bebês do mundo inteiro se assemelham, sendo a partir do crescimento e desenvolvimento que começam a aparecer diferenças que são características das culturas.

Oliva (2004) adverte que as competências dos bebês evidenciadas pelos estudos empíricos, podem indicar a existência de uma organização mental inicial universal para a espécie. Essa organização, bastante flexível e plástica, parece sofrer alterações, porém ainda não há dados disponíveis que mostrem como e em que extensão isto se dá. As evidências sobre as capacidades dos recém-nascidos não nos informam prospectivamente como o processo de desenvolvimento evolui. Assim, supõe-se que o cérebro do recém-nascido deve ser compreendido como um programa aberto, com mínimas especificações genéticas, permitindo o funcionamento inicial sensível ao ambiente (OLIVA, 2004).



Desde muito cedo o plano biológico e o cultural se entrecruzam. As trocas interativas iniciais entre cuidadores e recém-nascidos dependem de como os comportamentos destes são compreendidos pelos adultos, os quais já consolidaram uma visão de mundo e de crenças. A criança dá pistas, com seu comportamento de olhar, do que pode ser introduzido ou considerado nas interações. Contudo, a resposta do adulto a essas pistas vai depender do seu repertório de conhecimento, crenças e valores sobre o recém-nascido.

3 PSICOLOGIA COMPORTAMENTAL

Não tão recente quanto à abordagem evolucionista, a psicologia comportamental teve muitos avanços quanto aos seus pressupostos e sistemas explicativos deste os trabalhos de Watson na década 20. Assim, ao analisar o Behaviorismo Radical a partir da obra de Skinner é importante destacar o momento em que as características fundamentais de seu pensamento foram propostas. Muitas das críticas a sua obra, devem-se ao fato de aterem-se às suas intenções bastante iniciais, desconsiderando as alterações que marcaram o desenvolvimento de seu pensamento. Assim, devem-se delimitar suas contribuições mais significativas, que não podem ser detectadas no jovem Skinner que estava demais comprometido com as questões do conceito de reflexo (MICHELETTTO, 2001).

Conforme Micheletto (2001), em 1931, Skinner propõem-se a fazer uma análise científica do comportamento a partir do conceito de reflexo, estabelecendo-o como correlação observada entre estímulo e resposta. Trabalhando com eventos observáveis, afastou-se não só de visões metafísicas, mas também de supostos sobre o comportamento e procedimentos de investigação vinculados a fisiologia. A preocupação básica de sua ciência neste momento era o estudo do comportamento a partir dele mesmo, compreendido a partir de sua relação com o ambiente, sem que a investigação buscasse identificar as estruturas mediadoras destes eventos. Ainda hoje, observam-se críticas sem fundamentação e conhecimento de causa, centradas sobre a psicologia comportamental de 1931, denominando-a de psicologia do estímulo-resposta, sem considerar o avanço científico ao longo destes 75 anos após o estudo dos reflexos.

Em 1937, Skinner apresenta uma nova espécie de comportamento, o comportamento operante, que rompe a noção de determinação, de identificar para qualquer ação um estímulo que a provocou. O organismo age sobre o ambiente sem a presença de um estímulo eliciador. Este comportamento gera consequências, produzindo reforçamento, o organismo seleciona reflexos que são importantes e descarta os, não importantes (MICHELETTTO, 2001).

O período de 1980 a 1990 sofre a influência da metodologia proposta pelas ciências biológicas. O comportamento é analisado não só como produto do ambiente, mas principalmente como produto do ambiente social. Esta relação com o outro tem uma especificidade, o comportamento verbal. Na medida em que o comportamento verbal começa a ser estudado incorporam-se todos os níveis da ação humana: os eventos privados, a moral, o pensamento, a consciência, a alienação e a própria ciência, que é compreendida como uma forma de comportamento (MICHELETTTO, 2001).

Para Skinner, o homem é um ser em processo, em constante transformação. Entender o comportamento é entendê-lo a partir de uma tríplice determinação ambiental indissociável: espécie, vida do indivíduo e a cultura. Com tal postura, Skinner combate a metafísica de um agente iniciador, completando seu afastamento ou combate ao mecanicismo e às concepções metafísicas que o acompanham (MICHELETTTO, 2001).



4 INTEGRAÇÃO: TEORIA COMPORTAMENTAL E TEORIA EVOLUCIONISTA

São muitas as evidências no campo da psicologia evolucionista e os argumentos que fornecem à compreensão das capacidades dos recém-nascidos no seu estágio inicial. Pressupostos que não podem ser desconsiderados dentro da ciência psicológica, por explicar o comportamento de forma geral. Contudo, esta perspectiva, como qualquer outra, não dá conta dos pormenores das variações individuais, necessitando de teorias alternativas que complementem seus construtos.

Tourinho e Carvalho Neto (2004) argumentam que sendo inegável que certas capacidades humanas para a ação foram selecionadas na história da espécie, torna-se também evidente que esses produtos são apenas uma parte do que encontramos no extenso repertório de um homem adulto, que começa a ser *modelada* ou modificada desde o momento em que o homem começa a interagir com o ambiente físico e social.

Uma forma de abordar as relações entre filogênese e ontogênese é considerando quatro conjuntos de informações sobre estados iniciais e aprendizagem humana: 1) Informações que atestam a existência de repertórios filogeneticamente selecionados (ex. sugar o seio). Comportamentos que garantiram a sobrevivência da espécie; 2) A modificação de repertórios inatos por processos de aprendizagem. Sendo que, dentro das capacidades filogeneticamente selecionadas, as relações podem variar amplamente entre sujeitos e para um mesmo sujeito ao longo de sua história; 3) Estudos sugerem mais que repertórios específicos, a filogênese seleciona também a sensibilidade do organismo a certas formas de estimulação física ou social; 4) Sensibilidade especial do ser humano, produzida ao longo da filogênese, em relação às consequências de suas ações, o que repercute na sua relação com o mundo, pois dela resulta a aquisição de um grande repertório de interações complexas com um ambiente bastante diferente daquele em a espécie humana evoluiu (TOURINHO; CARVALHO NETO, 2004).

De acordo com Tourinho e Carvalho Neto (2004), o modelo de seleção por consequências de Skinner é visto como produto de variáveis filogenéticas, ontogenéticas e culturais. Sendo que, a ontogênese equaciona um limite da filogênese, ou seja, a preparação do organismo para um ambiente no qual a espécie foi selecionada. Na ontogênese, ou no condicionamento operante mais especificamente, variações do comportamento do indivíduo são selecionadas por aspectos do ambiente, não suficientemente estáveis para desempenhar consequências na evolução, mas que se tornam eficientes durante a vida do indivíduo, aumentando seu poder de lidar com o mundo. Na ontogênese também se encontram limites para a aquisição de repertórios (TOURINHO; CARVALHO NETO, 2004).

De acordo com Skinner (1978) os homens agem sobre o mundo, modificam-no, sendo também modificados, por sua vez, pelas consequências de sua ação. Neste sentido, Catania (1999) também ressalta que o comportamento pode ser afetado pelas próprias consequências. O estudo das consequências é um dos pontos chaves da abordagem, sendo um dos componentes estudados na análise funcional do comportamento. Um tipo de consequência que afeta o comportamento é aquele que aumenta a probabilidade de ocorrência de respostas semelhantes em situações semelhantes. Esta consequência é o que podemos chamar de reforçador. Millenson (1975) explica que existem duas classes diferentes de reforçadores: os primários, que têm poderes em virtude de fatores biológicos, ou seja, próprios da espécie a que o indivíduo pertence e os secundários ou condicionados, que adquirem função de reforçador por meio da associação com reforçadores primários.

Os processos pelas quais as consequências vêm a produzir mudanças graças à sensibilidade filogeneticamente selecionada têm sido amplamente investigados pela análise do comportamento.



Pesquisas sobre o comportamento operante são essencialmente, tentativas de identificar regularidades nos processos de mudança comportamental sob controle das consequências do comportamento (TOURINHO; CARVALHO NETO, 2004).

Segundo a análise do comportamento, os produtos das histórias ambientais dos organismos são idiossincráticos. A história filogenética provê algo em comum, mas que é modelado ou sobreposto por processos que promovem uma diferenciação continuada dos repertórios humanos. A abordagem desses repertórios diferenciados requer a identificação das relações próprias de cada organismo. A análise funcional, com a qual os analistas do comportamento se voltam para as relações comportamentais, é assim um tipo de abordagem idiográfica do comportamento. Embora princípios nomotéticos possam vir a sustentar alguns objetivos básicos da avaliação comportamental, a abordagem é mais tipicamente idiográfica. (TOURINHO; CARVALHO NETO, 2004).

As características nomotéticas e idiográficas são abordadas tanto pela teoria evolucionista, quanto pela comportamental, entretanto, em proporções diferentes. A psicologia evolucionista enfatiza o que é comum à espécie, por outro lado, a teoria comportamental, mesmo partindo de princípios gerais, visa entender especificidades de cada organismo que se comporta. Neste sentido, as duas teorias podem ser utilizadas na busca de ampliar o conhecimento sobre o comportamento humano.

Para Tourinho e Carvalho Neto (2004), pelo modelo de seleção por consequências, o comportamento do recém-nascido será tão mais extensamente produto de processos ontogenéticos, quanto mais avançada sua interação com o ambiente físico e social. Com a aquisição da linguagem, será também produto de variáveis culturais, podendo se sobrepor aos produtos de uma aprendizagem pré-linguística. Um exemplo disso é o choro, que se apresenta inicialmente como um responder filogeneticamente selecionado, eliciado (ou disparado) por uma estimulação interoceptiva produzida por privação de alimento. Este comportamento, rapidamente evolui para um padrão operante de ação, menos vinculado àqueles estímulos antecedentes e mais sob controle das consequências que produz (por exemplo, atenção social). Posteriormente, esse mesmo padrão pode mudar em outras direções, dependendo das variáveis culturais.

O recém-nascido, devido sua dependência e imaturidade, necessita durante seu desenvolvimento físico e psicológico, de cuidados e da presença de adultos que forneçam as condições de sobrevivência. Estes por sua vez, podem apresentar diferentes disposições, sendo que cada membro da família apresenta peculiaridades no modo de agir (PRADO; VIEIRA, 2003). Essa variação na forma de agir, como discutido anteriormente, está relacionado às crenças dos pais ou cuidadores sobre o desenvolvimento infantil e implicarão na sua atitude diante do recém-nascido. O que é explicado na teoria comportamental, pelo que é chamado comportamento governado por regras.

O comportamento governado por regras é modelado por contingências sociais de aprovação, sendo que comportamentos governados por regras podem passar a ser controlados por suas consequências naturais. Pensamentos, regras e sentimentos não são antecedentes priorizados. Podem ser antecedentes quando há alguma evidência de que participaram da contingência. Como por exemplo, quando a pessoa agiu após pensar muito (MEYER, 2002).

A questão da responsividade parental inclui aspectos da ação das crianças, da ação dos pais e o reflexo desta sobre a criança. Envolve, para Ribas *et al* (2003), duas dimensões principais: uma temporal e outra qualitativa. A temporal, diz respeito à contingência de resposta, o quanto às ações do bebê serão contingentes à resposta de cuidado apresentada pelos pais. Já a dimensão qualitativa refere-se a características como: calor afetivo, proximidade e intimidade, que em geral, remetem ao afeto.



A todo momento estão ocorrendo interações e trocas entre cuidadores e recém-nascido. A qualidade destas trocas implicará na qualidade do vínculo e até mesmo na sobrevivência da criança. Diante disso, pais devem ser contingentes aos sinais de seus filhos.

O termo contingência é explorado na abordagem comportamental e está implicado nos paradigmas de reforçamento. Para Meyer (2002), contingência se refere à relação de dependência entre eventos: a) entre resposta e o reforço no operante; b) entre antecedente, resposta e consequente, no operante discriminado; c) entre condição e um antecedente e a resposta e a consequência, em uma discriminação condicional e d) operantes complexos que envolvem múltiplas contingências operando em diferentes combinações, simultânea e/ou sucessivamente.

A importância do olhar dos adultos é evidenciada por alguns dados empíricos. Nos primeiros meses, os bebês olham mais para a região dos olhos do que para outras regiões da face. Fato que repercute sobre as interações diádicas (OLIVA, 2004). Essa característica em termos filogenéticos pode ter sido selecionada por ter auxiliado na mobilização de cuidados pelos cuidadores e consequente sobrevivência da espécie. À luz da análise do comportamento, observamos também, que esta característica propicia reforçamento positivo para os olhares e cuidados dos adultos. Sendo que reforçamento positivo envolve apresentação de um estímulo que tem como consequência o aumento da frequência da resposta.

Sobre o princípio do reforço, Catania (1999) afirma que o responder aumenta quando produz reforçadores. O que significa que o comportamento que foi reforçado tem a probabilidade de ocorrência futura aumentada. De acordo com o autor, a terminologia do reforço requer que uma resposta tenha uma consequência, a qual por sua vez implique no aumento da frequência do responder e que este aumento ocorra porque o responder tem consequências e não por outras razões. O aumento na probabilidade de ocorrência de determinada resposta, como efeito do reforço, foi ressaltado por Skinner (1981), que apresentou ainda a questão do reforçamento positivo e negativo, afirmando que, no primeiro caso, há a apresentação de reforçador positivo e, no segundo, a remoção de um reforçador negativo.

Nas interações lúdicas entre cuidador-bebê, o riso e as gargalhadas manifestadas pelo bebê por sua vez, aumentam a probabilidade de novas brincadeiras por parte dos adultos. Outras características de recém-nascidos apresentadas pela psicologia evolucionista, como o olhar para a região dos olhos, a imitação e a própria preferência por faces também podem ser entendidos a partir da ótica da teoria comportamental como reforçamento positivo, aumentando o comportamento dos pais de olhar para o bebê. Além disso, estas características e o resultado das interações mobilizam nos cuidadores sentimentos agradáveis da alegria e satisfação. Quem já teve um bebê em casa que o diga. No início acontecem trocas de olhares, à medida que os dias passam aparece a imitação, os risos e gargalhadas, que aumentam o sentimento de bem-estar e afeto pelo bebê. Estas interações positivas e reforçadoras aos cuidadores são fundamentais para a formação do vínculo com o recém-nascido, que por sua vez, é essencial para a sobrevivência do bebê, que depende exclusivamente do cuidado dos adultos.

5 CONCLUSÃO

A psicologia não possui uma unidade conceitual e consequentemente, também não possui uma unidade metodológica, por não ter chegado a um consenso sobre seu objeto de estudo (MATOS, 2001). Daí a existência de diferentes teorias explicativas sobre o ser humano.



Este artigo foi uma tentativa de mostrar que o diálogo entre teorias é possível. Pelas evidências da psicologia evolucionista e dos pressupostos da teoria comportamental buscou-se um novo entendimento do desenvolvimento infantil e suas implicações, como a questão do cuidado parental e da responsividade. Revela-se como uma nova forma de olhar o desenvolvimento infantil. Uma proposta de compreensão a partir de duas vertentes teóricas diferentes, que tem muito a percorrer, mas que se mostra viável, tendo em vista as inúmeras contribuições que oferecerem ao campo teórico.

Como ressalta Ribeiro *et al* (2004), a nova concepção sobre o recém-nascido, nasce da superação dos preconceitos teóricos e das hipóteses grandiosas, nasce de observações mais atentas e elaboradas. O estudo do desenvolvimento não pode restringir-se a uma disputa entre ambientalismo e nativismo. O reconhecimento da realidade e da integração dessas duas origens últimas é a melhor forma de identificar os problemas, criar os métodos e vislumbrar novas teorias. A teoria da evolução trouxe importantes contribuições na compreensão do comportamento. Como aponta Seidl de Moura (2005), não há como ignorar as evidências da história da espécie e neste sentido, toda psicologia deve ser evolucionista. Contudo, esta abordagem explica as peculiaridades individuais, já que se interessa pelo que é geral na espécie. O que ressalta a importância da articulação teórica com outras abordagens, como a teoria comportamental. Articulações como a delineada neste artigo são importantes por fornecer novos subsídios e formas de pensar o recém-nascido e seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BJORKLUND, D. F.; BERING, J. M. A note on the development of deferred imitation in enculturated juvenile chimpanzees (*Pan troglodytes*). **Developmental Review**, 23, 2003, p.389-412.

CATANIA, A. C. **Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

MATOS, M. A. Com que o Behaviorismo Radical Trabalha In: BANACO, R. A. (Org.) **Sobre Comportamento e Cognição: Aspectos Teóricos, Metodológicos e de Formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitivista**. Santo André, SP: ESETEC Editores Associados, v.1, 2001.

MEYER, S. O Que é Análise Funcional? Texto não publicado. **XI Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental - ABPMC**, 2002.

MICHELETTO, N. Bases Filosóficas do Behaviorismo Radical. In: BANACO, R. A. (Org.) **Sobre Comportamento e Cognição: Aspectos Teóricos, Metodológicos e de Formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitivista**, Santo André-SP: ESETEC, v.1, 2001, p.33-48.

MILLENSON, J. R. **Princípios de análise do comportamento**. Brasília: Coordenada/Thesaurus, 1975.

OLIVA, A. D. A Noção de Estado Inicial e Concepções de Desenvolvimento: Problemas e Necessidades de Definições Empíricas dos Termos. In: SEIDL DE MOURA, M. L. (Org.) **O Bebê do Século XXI e a Psicologia em Desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 61-110.



PRADO, A.; PIOVANOTTI, M. R. A.; VIEIRA, M. L. Não Basta ser Pai, tem que Participar, **Psicologia Brasil**, 2004, p.12-16

PRADO, A. B.; VIEIRA, M. L. Bases Biológicas e Influências Culturais Relacionadas ao Comportamento Parental, **Revista de Ciências Humanas** (Temas do Nosso Século), UFSC – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, n.34, out. 2003, p.313-334.

RIBAS, A. F. H.; SEIDL de MOURA, M. L.; RIBAS JR., R. de C. (2003) Responsividade Materna: Levantamento Bibliográfico e Discussão Conceitual, **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, 2003. p. 137-145.

RIBEIRO, F. L.; BUSSAD, V. S. R.; OTTA, E. De Colo em Colo, de Berço em Berço. In: SEIDL DE MOURA, M. L. (Org.) **O Bebê do Século XXI e a Psicologia em Desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 229-284.

SEIDL DE MOURA, M. L. Bases para uma Psicologia do Desenvolvimento Sociocultural e evolucionista In: FONTES, F. A. R., MAGALHÃES, C., BRITO, R., MARTIN, W. **Temas Pertinentes à Construção da Psicologia Contemporânea**, Belém: EDUFPA, 2005. p.17-41.

SILVA, A. K. da. **Concepções de Mães Primíparas sobre o Desenvolvimento Infantil ao Longo do Primeiro Ano de Vida da Criança**, 2003, 75f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Curso Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes. 1981.

SKINNER, B. F. **Comportamento Verbal**, São Paulo: Cultrix. 1978.

TOURINHO, E. Z.; CARVALHO NETO, M. B. de C. O Conceito de Estado Inicial na Explicação do Comportamento Humano: Considerações de uma Perspectiva Analítico-Comportamental. In: SEIDL DE MOURA, M. L. (Org.) **O Bebê do Século XXI e a Psicologia em Desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 111-134.

TRIVERS, P. L. Parental Investment and Sexual Selection In: CAMPBELL, B. (Editor). **Sexual Selection and Descendent of Man**. Chicago: Aldine Press, 1972. p.136-179.

VIEIRA, M. L.; PRADO, A. B. Abordagem Evolucionista sobre a Relação entre Filogênese e Ontogênese no Desenvolvimento Infantil In: SEIDL DE MOURA, M. L. (Org.) **O Bebê do Século XXI e a Psicologia em Desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 155-203.

**EVOLUTIONIST PSYCHOLOGY TO BEHAVIORAL PSYCHOLOGY:
A NEW WAY TO UNDERSTAND THE CHILD DEVELOPMENT**



Abstract: *The present article intends to discuss human development for theoretical presuppositions of two important psychology approaches, the evolutionist theory and a behavioral theory. The first, less spread, is conquering space now, consider behaves for its specie important and function. Already behavioral approach, more acquaintance for behavioral analyze, explain the human behaviors about the learning beginnings, the ambient and organism interactions. In spite of philosophy divergences among this two theory approaches, this article intend do dialogue among it's for one new way to thing the human development.*

Keywords: *Evolutionist psychology. Behavioral psychology. Child development.*